

# Homem público

O ex-deputado Plínio de Arruda Sampaio teve influência no plano de governo que abriu caminho para a criação da FAPESP

O ex-deputado Plínio Soares de Arruda Sampaio, morto aos 83 anos em decorrência de um câncer, foi enterrado no dia 9 de julho, exatos 55 anos depois de o então governador Carvalho Pinto (1910-1987) ter enviado à Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo a Lei 5.444, que consolidava seu Plano de Ação do Governo (Page) e sua visão de estado. O plano, que entre diversas propostas previa a constituição de uma fundação para administrar recursos orçamentários destinados à “investigação técnica e científica”, teve forte influência de Arruda Sampaio. O Page virou lei no dia 17 de novembro de 1959 e, 11 meses depois, em 18 de outubro de 1960, Carvalho Pinto sancionou a Lei 5.918, que criou a FAPESP.

Promotor público formado pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP) e ex-presidente da Juventude Universitária Católica, ocupou o cargo de subchefe da Casa Civil de Carvalho Pinto e foi indicado coordenador da equipe de técnicos e especialistas responsável pela elaboração do conjunto de documentos que compunham o Page. Também foi secretário dos Negócios Jurídicos do governo estadual e, entre 1961 e 1962, trabalhou na prefeitura de São Paulo na gestão de Francisco Prestes Maia (1896-1965).

Arruda Sampaio elegeu-se deputado federal pelo Partido Democrata Cristão (PDC) em 1962 e foi relator do projeto de reforma agrária que integrava as reformas de base do governo João Goulart. Após o golpe de 1964, teve os direitos políticos cassados por 10 anos, pelo Ato Institucional nº 1. Exilou-se no Chile por seis anos, a convite do então presidente do país, o democrata-cristão Eduardo Frei, trabalhando na Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO). Mudou-se para Washington em 1970 para trabalhar num programa da FAO e do Banco Interamericano de Desenvolvimento. Nos Estados Unidos, fez mestrado em economia agrícola na Universidade Cornell. Voltou ao Brasil em 1976, filiou-se ao MDB, deu aulas na Fundação Getúlio Vargas, fundou o Centro de Es-



Plínio em campanha pelo governo paulista, em 1990: trajetória política entre a democracia cristã e o socialismo

tudos de Cultura Contemporânea e participou da campanha pela redemocratização.

Deixou o MDB em 1978 e participou da fundação do Partido dos Trabalhadores. Foi eleito deputado federal constituinte, em 1986, com 63,9 mil votos. Na Constituinte, foi membro da Comissão de Redação, da Comissão de Sistematização e da Comissão da Organização do Estado e presidiu a Subcomissão de Municípios e Regiões. Fez parte do bloco suprapartidário de articulação da Igreja Católica, como membro da Comissão de Acompanhamento da CNBB na Constituinte.

Foi candidato do PT ao governo do estado, em 1990, sendo derrotado por Luiz Antonio Fleury Filho, do PMDB. Desfilou-se do PT em 2005 e ajudou a fundar o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). Em 2010 candidatou-se à Presidência da República pelo PSOL. Recebeu 886,8 mil votos e ficou em quarto lugar no pleito que elegeu Dilma Rousseff. Era casado com Marietta Ribeiro de Azevedo e tinha seis filhos – um deles, Plínio de Arruda Sampaio Junior, é professor do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). ■

# Inovador da história

Professor emérito da USP,  
José Sebastião Witter foi pioneiro  
em estudos sobre o futebol

O historiador José Sebastião Witter, professor emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), morreu no dia 7 de julho, aos 81 anos, em Mogi das Cruzes (SP). Formado em história pela FFLCH-USP, Witter foi orientando no mestrado e no doutorado do professor catedrático Sérgio Buarque de Holanda, de quem foi assistente.

Especializado em história do Brasil, publicou ao longo de sua carreira 15 livros e grande número de capítulos em obras coletivas e artigos em revistas especializadas e sobre temas culturais. Entre os temas de pesquisa de Witter estavam a imigração alemã, a fundação do primeiro partido republicano, arquivos históricos – e o futebol. Dirigiu o Arquivo Público do Estado de São Paulo de 1977 a 1987, o Instituto de Estudos Brasileiros da USP de 1990 a 1994 e o Museu Paulista da USP, mais conhecido como Museu do Ipiranga, de 1994 a 1999.

“Trata-se de um raríssimo inovador na área à qual dedicou sua vida, que inovou a cultura de todas as instituições por onde passou, trabalhando intensamente pela sua modernização e sem ficar refém das adversidades, empreendendo sempre. Também foi um autor inovador – pioneiro, por exemplo, nos estudos acadêmicos do futebol”, afirmou à *Agência FAPESP* o colega e amigo José de Souza Martins, também professor emérito da FFLCH-USP e membro do Conselho Superior da FAPESP.

Professor primário num colégio público de Mogi das Cruzes, Witter graduou-se em história na USP com a ajuda de uma prerrogativa instituída nos anos 1940. Ela permitia a professores aprovados no vestibular da USP o afastamento de suas funções para que pudessem fazer o curso superior na área escolhida. Entre a sua diplomação como professor primário e a sua contratação no Departamento de História, convidado por Sérgio Buarque de Holanda, Witter lecionou sempre em escolas públicas, como ressaltou em entrevista à



Witter: “Sempre fui um bom professor. Aprendi a ensinar dando aulas nos cursos primário e secundário”

*Pesquisa FAPESP* em junho de 2006. “Sempre fui um bom professor, não tenho falsa modéstia. Aprendi a ensinar dando aulas nos cursos primário e secundário”, afirmou.

Nos anos 1970, inovou ao dar tratamento acadêmico ao futebol. Como professor do Departamento de História da FFLCH, ministrou o primeiro curso de história do futebol na USP. Mais tarde, organizaria obras como *Futebol e cultura*, em colaboração com José Carlos Sebe Bom Meihy, e escreveria *O que é futebol* e *Breve história do futebol brasileiro*. Ao lado desse curso, trabalhou sempre como professor na área de história do Brasil colonial, imperial e republicano nos cursos de graduação.

Witter trabalhou na preservação e proteção dos acervos documentais e na modernização dos arquivos históricos. “Dono de uma concepção inovadora na proteção e disponibilização de acervos documentais, é o grande responsável pelo enorme salto nas condições de realização da pesquisa histórica no estado de São Paulo. Sem ele, ainda estaríamos não muito longe das modestas condições de pesquisa que aqui havia nos anos 1950”, disse José de Souza Martins. ■